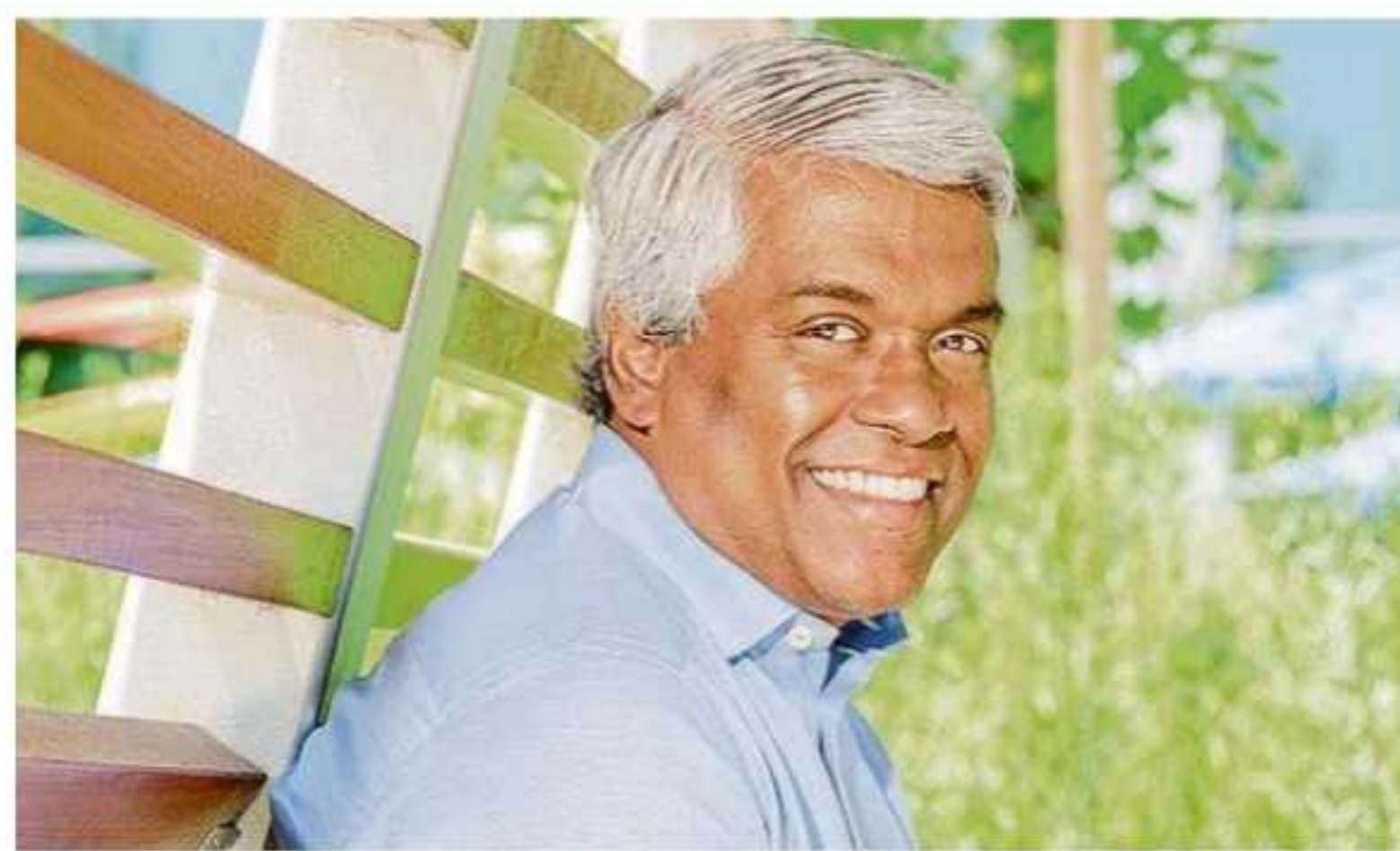


## Tecnologia

Thomas Kurian, do Google, diz que vai encurtar a distância para a Amazon e a Microsoft **B6**



## Aviação

Gol pede para ser terceira interessada no Cade no processo American-Azul **B3**

## Mineração

Analistas estimam alta de 20% na receita da Vale no 1º trimestre **B5**

## Agro 4.0

Estudo mostra queda em 2025 de 50% nos investimentos em agtechs **B9**

Valor B

Terça-feira, 28 de abril de 2026

# Empresas

**Governança** Assembleias de acionistas de 45 companhias que integram o Ibovespa vão renovar seu colegiado até o fim deste mês

## Empresas elegem mais de 300 conselheiros nesta temporada

Fernanda Guimarães

De São Paulo

A temporada de assembleias de acionistas vai eleger, até o fim deste mês, um total de 333 conselheiros de administração em 45 das 79 empresas do Ibovespa, principal índice teórico da B3 e que reúne as maiores empresas de capital aberto do país, e que renovarão o colegiado neste mês, segundo estudo da Ânima Comunicação em Governança realizado a pedido do Valor. O período tem sido marcado por disputas em empresas estatais e mudanças em companhias com problemas financeiros, que estão em reestruturação.

Uma das assembleias sob os holofotes foi a da Petrobras, que viveu embate prévio ao encontro. A União elegeu para uma das cadeiras Guilherme Mello, secretário-executivo do Ministério do Planejamento e Orçamento, e também deve ficar com a presidência do colegiado da estatal. Com isso, o governo ocupará 6 das 11 cadeiras do conselho. Já os minoritários permaneceram com quatro assentos, incluindo o do advogado Marcelo Gasparino, que já foi conselheiro da petroleira, mas renunciou para tentar um assento na Axia (ex-Eletronor), sem sucesso.

Na metalúrgica Tupy, outra empresa com capital estatal, a preocupação de ingerência política também gerou mal-estar entre in-

vestidores, mas antes da atual temporada de assembleias. Isso porque a BNDESPar, braço de participação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), indicou o ministro da Defesa, José Mucio, ao conselho da companhia. Minoritários entenderam que o movimento do governo teve por finalidade acomodar indicações políticas.

Na Oncoclínicas, que acaba de pedir uma cautelar à Justiça para se proteger contra cobranças de credores, após pressão da MAK Capital, acionista minoritária, Marcelo Gasparino, que havia sido indicado pela gestora Latache, renunciou à presidência do colegiado, levando a uma queda de todas as membros e exigindo uma renovação completa. Isso aconteceu porque Gasparino tinha sido eleito pelo sistema do voto múltiplo, que permite que acionistas concentrem seus votos em um único candidato. Pelas regras, quando um membro do conselho eleito pelo voto múltiplo renuncia, há destituição dos demais nomes, que ficarão no cargo até a data da assembleia, marcada para o dia 30, quando

serão substituídos.

Outra surpresa na temporada veio da Usiminas, que há mais de uma década viveu encontros de acionistas marcados por brigas, na época de disputa societária entre Ternium e Nippon Steel, conglomerado japonês que já se despediu do capital da siderúrgica. A Latache é o nome por trás do fundo Vera Cruz, que foi o comprador das ações da siderúrgica mineira que eram detidas pela CSN, que teve que fazer a venda por determinação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). A gestora elegeu Marco Gonçalves, executivo que construiu carreira na área de M&A (sigla para fusões e aquisições, em inglês) e mais recentemente atuou pela Latache em dois casos de empresas investidas, MBRF e Oncoclínicas.

O presidente da Amec, associação que reúne investidores minoritários, Fábio Coelho, afirma que as eleições deste ano se mostram mais disputadas, com investidores desafiando as propostas da administração para indicar candidatos aos conselhos que tragam perspectivas de mudanças na condução de estratégias operacionais em companhias com problemas conhecidos ou com disputas societárias, com casos mais concretos no setores de varejo e saúde, por exemplo.

No setor de saúde, um dos casos que ficou em destaque foi o da

operadora de planos Hapvida. A gestora Squadra apontou erros na companhia e pediu mudanças em seu conselho de administração.

A situação financeira das empresas também está no foco. O executivo da Amec aponta que, na temporada de assembleias, os investidores estão ainda muito mais atentos aos planos de remuneração dos administradores, visto que muitas empresas estão com alavancagem elevada. “Os investidores estão muito sensíveis a planos de remuneração que trazem aumentos não justificados. Propostas mais ousadas têm tido dificuldade na aprovação”, destaca.

“A governança corporativa deixou de ser apenas um atributo reputacional e passou a ser um fator direto de precificação de risco. Hoje, a qualidade do conselho influencia a forma como o mercado atribui valor às companhias. Em um ambiente ainda marcado por estruturas de controle concentrado, conselhos mais robustos tendem a estar associados a maior disciplina de capital e menor volatilidade no longo prazo”, afirma Agnes Blanco, diretora-executiva da Sodali & Co, consultoria de estratégia e serviços a acionistas para empresas.

Simone Monteiro, sócia da Ânima, aponta que o mercado de conselhos de administração segue em crescimento no Brasil por conta da maior sofisticação em termos de governança das com-



Fábio Coelho, da Amec: “Investidores estão sensíveis a planos de remuneração”

panhias, a despeito da paralisação de novas empresas ingressando na bolsa — há mais de quatro anos não há uma oferta inicial de ações (IPOs, na sigla em inglês) na B3. “Embora a retomada dos IPOs ainda dependa de um melhor alinhamento entre empresas e investidores, a tendência estrutural é de crescimento no número de conselhos e de assentos, com maior profissionalização, transparência e escrutínio cada vez maior”, afirma.

Ainda segundo o estudo, 67 mulheres devem ser eleitas para

os conselhos de administração na atual temporada, o que representa cerca de 20,1% dos assentos. Ou seja, a participação permanece concentrada: pouco mais de 1 em cada 5 cadeiras será ocupada por mulheres. Segundo a professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Claudia Yoshinaga, que estuda a participação feminina nas conselhos, o tema ainda engatinha e a evolução do número de mulheres nos colegiados tem sido mínima.

Procuradas, as empresas citadas não comentaram.

**67**  
mulheres devem ser eleitas conselheiras